

“Wladimir Dias-Pino e E.M. Melo e Castro: da palavra poética ao poema visual”

Doutorando Isaac Ramos¹ (USP)

Resumo:

Cronologicamente, a partir do concretismo, diversos autores do Brasil, Portugal e outros países utilizaram-se da palavra escrita como experimento poético no qual a espacialização da palavra, no sentido poético, passou a adquirir uma carga semântica, ademais da dessacralização do verso. Dentre esses autores destacamos o poeta Wladimir Dias-Pino que fez parte do lançamento do concretismo no Brasil, juntamente com os paulistas do grupo Noigrandes, e, no final da década de 60, foi o principal signatário do movimento Poema-Processo. Outro autor a ser abordado é o português E. M. Melo e Castro, que lançou a primeira obra concreta em Portugal, mas, pouco tempo depois, foi signatário – juntamente com Ana Haterley – da Poesia Experimental. Ambos têm características de liderança, ousadia estética e produziram textos e/ou manifestos em nome de uma poética vanguardista. São dois nomes que merecem mais espaço nas respectivas histórias da literatura de seus países.

Palavras-chave: Wladimir Dias-Pino, E.M. Melo e Castro, poesia experimental poema processo, poema visual

Wladimir Dias-Pino e E. M. Melo e Castro: de la palabra poética al poema visual.

Resumen:

Cronológicamente a partir del concretismo, muchos autores de Brasil, Portugal y otros países utilizaran la palabra escrita como experimento poético en que la espacialización de la palabra, en sentido poético, pasó a poseer una carga semántica además de la desacralización del verso. Entre esos autores destacamos el poeta Wladimir Dias-Pino que hizo parte del lanzamiento del concretismo en Brasil, juntamente con los paulistas del grupo Noigrandes y al final de la década de 60, fue principal signatario del movimiento Poema-Processo. Otro autor con el que trabajaremos es el portugués E. M. Melo y Castro que lanzó la primera obra concreta en Portugal, mas poco tiempo después, fue signatario – juntamente con Ana Haterley – de la Poesía Experimental. Ambos tienen características de liderazgo, innovación estética y establecieron producciones de textos y/o manifestos en nombre de una poética vanguardista. Son dos nombres que merecen más espacio en las respectivas historias de la literatura de sus países.

¹ Isaac Ramos, Professor doutorando da USP (Universidade de São Paulo). UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso. Departamento de Letras de Alto Araguaia. Bolsista CAPES. E-mail: isaacramos3@yahoo.com.br.

Palabras Clave: Wladimir Dias-Pino, E.M. Melo e Castro, poesia experimental, *poema processo*, poema visual

O que pode haver em comum entre dois poetas de vanguarda de diferentes países que falam a língua portuguesa? É possível um artista ter a postura/atitude contínua de vanguarda? A vanguarda literária normalmente assusta o leitor por estar à frente do seu tempo ou porque ela faz questão de ser estranha e irrequieten em relação à literatura canonizada? Toda vanguarda é subversiva ou a subversão é um quesito para desconstruir postulados? Como mensurar o grau de radicalidade de um poeta? Poderíamos formular estas e outras perguntas passíveis de ficarem sem resposta ou com respostas duplicadas. A invenção e a radicalidade é a marca estética que une os dois autores em estudo neste texto.

Trata-se de dois poetas marcados pela irreverência e forma genuína de escrever/desenhar. Seus países de origens: Brasil e Portugal. Wladimir Dia-Pino, nascido em fevereiro de 1927, no Rio de Janeiro, iniciou sua carreira literária prematuramente em Mato Grosso em 1940, com a publicação do livro **A fome dos lados** e, em 1941, com **A máquina que ri**. Ernesto Manuel de Melo e Castro, nascido em 1932, em Covilhã, Portugal. Publicou seu primeiro livro **Sismo** (1952), já com 20 anos de idade e **Salmos** em (1953), no entanto foi com **Ideogramas** (1962), primeira obra concretista publicada em Portugal, que ele se alinhou aos demais poetas que trabalham com visualidade. Até onde sabemos, não há estudos comparatistas entre estes dois poetas.

As suas biografias possuem algumas particularidades. Passemos a elas. Ambos exerceram profissões relacionadas ao seu ambiente familiar. Wladimir, poeta, programador visual, gráfico, professor, pintor, filho de um imigrante espanhol – anarquista e tipógrafo da Imprensa Nacional – desde cedo aprendeu e conviveu com a (des)montagem tipográfica e têxtil (ação apreendida a partir da observação da mãe em trabalhos de costura). Além disso, exerceu amizade e parceria com diversos autores de Mato Grosso. Enquanto isso Melo e Castro durante quarenta e cinco anos exerceu a profissão de engenheiro têxtil paralelamente à de escritor, dedicando-se também ao ensino tecnológico. A escolha dessa profissão deu-se depois da insatisfação em cursar Medicina. A partir dessa frustração ele escolheu uma profissão que tinha relação com as atividades da família. A prática com cada uma dessas máquinas contribuiu de certa forma, com o olhar e o fazer poético dos respectivos autores. Ambos organizaram coletâneas dos movimentos dos quais fizeram parte, inclusive como organizadores. Dos dois, Dias-Pino sempre demonstrou aversão à liderança diante dos grupos que pertenceu, sobretudo, o do poema-processo. Mesmo quando fez parte do grupo carioca que, juntamente com o paulista *noigrandes*, funda o movimento da poesia concreta, em dezembro de 1956, na I Exposição Nacional de Arte Concreta. Ainda assim, abriu uma concessão, sob a forma de livro, com **Processo: linguagem e comunicação** (duas edições, 1971 e 1973), que contém seleção de poetas que participaram do poema-processo, depoimentos dele e de contemporâneos assim como textos teóricos. No caso de Melo e Castro, não houve esse problema. Organizou diversas antologias da poesia experimental portuguesa, incluindo duas delas de suas obras. A primeira **Trans(a)parências**, publicada em 1989, livro que ganhou o grande prêmio de poesia Inaset – Inapa de 1990, em Portugal e a segunda intitulada **Antologia efêmera: poemas 1950-2000**, publicada pela Nova Aguilar, no ano de 2000. Dentre as outras organizadas,

destaque para a **Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa**, em colaboração com Maria Alberta Menéres (4 edições).

Em números de títulos publicados, os dois poetas se não se equivalem pelo menos contribuem para ascensão dos movimentos dos quais participaram. No caso de Melo e Castro, sua bibliografia conta com mais de 30 títulos de poesia e 17 de ensaios de crítica e teoria literária. No de Dias-Pino, o trabalho de contagem é mais difícil, posto que ele não publicou apenas livros. Na sua extensa obra, constam folhetos, catálogos, revistas, jornais, cartazes, caixas de poema, preparação de uma enciclopédia de poemas visuais e performances poéticas. Várias dessas atividades também foram realizadas por Melo e Castro. Um dos destaques que fazemos do poeta português é que ele teria sido o pioneiro em videopoesia (**Rodalume**, 1968). Entre 1985 e 1989 desenvolveu na Universidade Aberta de Lisboa um projeto de criação de videopoesia denominado **Signagens**. Há alguns anos vem produzindo infopoesia e realizando seminários de discussão e produção de infopoesia. Curiosamente, nos últimos anos, Wladimir Dias-Pino também (re)descobriu o computador e tem feito releituras cromatizadas dos seus poemas processos, com a parceria de Regina Pouchain, no blog www.wwwlambuja.blogspot.com.² Não por acaso, é na internet e não em publicações disponíveis no mercado que se encontram mais facilmente informações sobre esses dois poetas. Registramos que grande parte de suas publicações tiveram pequenas tiragens e muitas delas não tiveram reedições. Felizmente eles possuem posicionamentos semelhantes no que refere à disponibilização de suas artes, na grande rede. Nenhum deles precisou tirar sustento da sua produção poética, talvez isso justifique certa despreocupação com os direitos autorais.

² A partir daqui, todas as ilustrações relacionadas às obras de Wladimir Dias-Pino são provenientes do blog www.wwwlambuja.blogspot.com, com acesso no dia 07/06/2008.



Foi na grande rede que encontramos uma longa entrevista concedida pelo poeta português a Maria Virgília Frota Guariglia e Jorge Luiz Antonio, pouco tempo depois de ele ter ministrado curso na PUC-SP. Igualmente localizamos **Lambuja** em uma das ferramentas de busca, juntamente com inúmeras notícias sobre Wladimir Dias-Pino. Antes de começarmos a nossa pesquisa, que inclui os concretistas paulistas e o neoconcretismo de Ferreira Gullar, além dos trabalhos de Silva Freire, após constataremos que muito pouco havia de estudos críticos publicados sobre esses poetas, também buscamos informações na rede. Reconhecemos que há um número considerável de estudos relacionados às vanguardas e, sobretudo, ao concretismo e dos participantes do grupo *noigrandes*. A maioria dos livros foi publicada no final da década de 70 e começo da de 80. Nos últimos anos, uma das pesquisas mais consistentes acerca do concretismo foi realizada pelo argentino Gonzalo Moises Aguilar, cujo resultado pode ser visto em **Poesia Concreta Brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista**, publicado pela EDUSP, em 2006. Para esse estudioso interessa compreender como as vanguardas criavam um lugar poderoso de produção de sentido, que não estava relacionado exclusivamente à escritura, e sim aos processos de recepção, negociação, manipulação e exibição. A estratégia que ele adotou foi a de ir à análise a partir de duas diferentes perspectivas, verificando as origens e transformações do programa concretista em suas sucessivas articulações sociais e a forma como os poetas concretistas conceberam o signo poético e sua especificidade. Outro significativo trabalho acadêmico que conhecemos sobre a obra de Dias-Pino, foi escrito por Sergio Dalate³. Trata-se da dissertação de mestrado defendida na Unesp-Assis. No doutorado, ele continuou a trabalhar com o mesmo autor, todavia faleceu meses antes de defender sua tese. Mesmo assim, ele produziu vários textos publicados em revistas acadêmicas, jornais, capítulos de livros e participações em simpósios afins. Destacamos também o nome da pesquisadora Yasmin Jamil Nadaf, que, mesmo não tendo publicado trabalhos específicos sobre Dias-Pino, publicou vários livros na área de historiografia e crítica literária e possui um significativo acervo sobre o autor.

Em um artigo publicado na revista **Vôte!**⁴, Dalate reconhece que o nome de Wladimir Dias-Pino embora se encontre registrado na história da literatura brasileira contemporânea, ainda soa desconhecido para o público leitor de poesia e parte de sua obra permanece esquecida pela crítica. Aponta alguns fatores que explicariam essa afirmação. Primeiramente “se deve ao fato de o próprio poeta organizar a publicação e a distribuição dos textos sempre em pequenas tiragens, fugindo, por opção, dos esquemas tradicionais de produção e acesso ao livro em nosso país”, conforme já mencionamos neste estudo. Outro fator seria a própria natureza do trabalho de Dias-Pino, “fator que serve de barreira à recepção de sua obra, a começar pela reinvenção dos conceitos de poesia e poema, bem como o questionamento da forma material ou realização física do objeto-livro” (2002, p.6).

Lembramos de uma declaração de Melo e Castro de que o sucesso da sua primeira obra concreta, **Ideogramas**, de difícil assimilação, teria sido facilitada pela publicação em Portugal de uma compilação da poesia concreta do grupo Noigrandes, organizada pela embaixada do Brasil em Lisboa, no ano de 1962. O autor aponta dois

³ Professor do Departamento de Letras da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso).

⁴ DALATE, Sérgio. “Pandora: Dossiê Mato Grosso de Literatura: aspectos críticos da poesia de Wladimir Dias-Pino”. In: __ **Vôte! Revista mato-grossense de literatura**. Edição 11. ano 10. n° 7, 2002 (p. 6-15).

acontecimentos que antecederam o aparecimento em Portugal de manifestações originais da poesia experimental. O primeiro, seria a rápida visita a Lisboa de Décio Pignatari em 1956, segundo ele sem resultados significativos, após o já histórico encontro com Gomringer⁵. O segundo a publicação da coletânea referida acima. Conforme Castro “em Portugal, nunca houve no entanto um grupo organizado de poetas concretos, tendo a Poesia Concreta interessado a determinados poetas em determinada altura, como via de alargamento da sua pesquisa morfossemântica”⁶ (CASTRO & HATHERLY: 1981, p.9). Para entendermos melhor a trajetória da poesia experimental portuguesa é fundamental lermos essa obra.

As condições históricas iniciais de cada um dos movimentos, poesia experimental e poema-processo, parecem justificar as atitudes dos artistas envolvidos. Lembramos que, desde o concretismo, houve uma participação efetiva de artistas plásticos, músicos, poetas e outros congêneres. Aliás, há estudiosos que defendem que os poetas concretos teriam se apoderado do nome originalmente empregado pelos artistas plásticos e apresentado o mesmo como se fosse uma descoberta brasileira. O que está por trás dessa discussão é a briga travada entre o grupo paulista e carioca, cujo primeiro teria monopolizado o nome e centralizado as informações do movimento com o intuito de apresentá-lo como um produto de exportação. Como já mencionamos sobre o trabalho de Aguilar, não poderíamos deixar de citar um importante projeto de pesquisa em desenvolvimento na academia intitulado **Poema processo: do poema à construção do livro objeto**, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Vera Lucia de Carvalho Casa Nova, da UFMG. Inclusive é de lá que vem um consistente dossiê **O eixo e a roda – 50 anos do concretismo**, publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Como é uma publicação fora do eixo Rio – São Paulo, acreditamos que não tenha sido contaminada por essa “briga” entre as metrópoles.

Com relação ao ensino da poesia contemporânea, do concretismo até a atualidade, poucas universidades possuem ementas que contemplem esse estudo nas matrizes dos cursos de Letras. Em alguns casos, fica restrito a disciplinas da pós-graduação. Uma das exceções que temos conhecimento é a PUC-SP e, mais recentemente, a UFMG. Vários dos nomes que fizeram parte do movimento concretista, poesia experimental, poesia visual, ministraram aulas na instituição católica. Para citar alguns nomes: Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Philadelfo Menezes, Melo e Castro e a intermediação de estudiosos como Fernando Segolin (proponente de diversos cursos na área). Tomamos conhecimento de algumas experiências na UFRJ, UFSC, para ficarmos entre as mais conhecidas. Nas três principais universidades paulistas (USP, UNICAMP e UNESP), a oferta de disciplinas, pesquisas desenvolvidas na área e mesmo dissertações e teses defendidas nessas instituições apresentam números modestos diante da importância que essas três universidades brasileiras representam no panorama da produção científica nacional e mesmo internacional.

Retornamos às condições históricas em que ocorreram a poesia experimental e o poema-processo, em Portugal e no Brasil. Pelo lado português, Castro entende que pela primeira vez se propôs nesse país uma posição ética de recusa e de pesquisa, que em si própria seria um meio de destruição do obsoleto, uma desmistificação da mentira, uma

⁵ Poeta suíço-boliviano que foi responsável por reunir artistas plásticos e poetas em vários países da Europa, sendo o principal interlocutor dos participantes do *Noigrandes*.

⁶ “A poesia experimental portuguesa”. In: _ **PO-EX: textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa**. Moraes Editores: Portugal, 1981.

abertura metodológica para a produção criativa. Amparado nesse primeiro princípio, o segundo seria o de que essa referida produção se projetaria no futuro e encontraria o modo certo para agir no momento exato, quando o povo e a língua dela necessitassem⁷ (1981, p. 11). Situação um pouco diferente foi vivenciada pelos participantes do poema-processo. Eles se lançaram no final de 1967, em pleno regime militar, um ano antes da edição do AI5, tendo como tema em diversos poemas a realidade nacional. Mesmo que muitas vezes não houvesse referência em texto escrito. Não por acaso, uma das certezas que os seus idealizadores possuíam era a separação definitiva entre poesia e poema, dando a máxima importância à leitura do projeto do poema (e não mais à leitura alfabética), a palavra passava a ser dispensada⁸. Em uma passagem da obra **Processo: linguagem e comunicação**, Dias-Pino assim se expressa:

Não se trata, como alguns poderiam pensar, de um combate rígido e gratuito ao signo verbal, mas de uma exploração planificada das possibilidades encerradas em outros signos (não verbais). (...)

)=(O poema / processo é uma posição radical dentro da poesia de vanguarda. É preciso espantar pela radicalidade). (DIAS-PINO, 1973, s/n)

Lembramos que nos seis primeiros livros de Melo e Castro, não ocorreram momentos de ousadia estética ou radicalidade na mesma proporção em que ocorre em **Ideogramas**. O poeta português chega inclusive a afirmar que em obras anteriores apareceram vestígios do que seria uma obra concreta, no que tange à espacialização. Com relação à Wladimir Dias-Pino, Dalate em sua dissertação de mestrado defende que em **A fome dos lados** (1940) e **A máquina que ri** (1941), já ocorreriam alguns traços da poesia concreta e, sobretudo, um diálogo com **Um lance de dados**, do poeta francês Mallarmé. O primeiro, um poema em forma de livro que se abre na vertical. O segundo, explora a horizontalidade da página branca. Em **Dia da cidade** (1948), livro-poema que espacializa as palavras e os versos que o compõem. Em 1952, começa a elaborar **A ave**, poema voltado para as questões da visualidade. Essa obra será lançada em 1956 e, por causa dela, foi convidado a fazer parte do grupo concretista.

Fizemos referência momentos atrás sobre as condições históricas, de Portugal, que saiu da ditadura salazarista para a Revolução dos Cravos – pensando na trajetória da poesia experimental –, enquanto que no Brasil a situação foi de recrudescimento político. Lembramos que a Parada Tática dos integrantes do movimento poema-processo ocorreu em 1972, durante o governo Médici. O texto da citada Parada contemplava atitudes – nivelamento (nacional) – posicionamento (internacional) – Tática e Desenvolvimento. Destaca que não houve qualquer cisão em 5 anos como projeto contínuo de vanguarda e que o processo seria uma conquista irreversível no campo da informação. Ainda, os poemas/processo continuariam a ser produzidos. No ano passado, ocorreram diversos eventos (no Brasil e no exterior) em comemoração aos 40 anos do poema-processo.

⁷ Na opinião do poeta e crítico isso teria acontecido logo após o 25 de abril de 1974, com a explosão visual que teria invadido cidades, vilas, aldeias e estradas de Portugal.

⁸ “O próprio movimento, Numa abertura total mantida durante dois anos, apoiou qualquer experiência, usando como único critério a INTENÇÃO do poeta ao optar pela vanguarda”. (WDP: 1973)

Os poetas do movimento do Poema-Processo (...) têm a consciência das dificuldades de ser vanguarda e mais do que isso, sabem que ao dissociar a Poesia (estrutura) do Poema (processo), separaram, definitivamente, o que é língua de linguagem dentro da literatura (1973, s/n).

Para entendermos um pouco mais esses movimentos, é importante conhecermos as origens da chamada poesia concreta e para podermos remeter aos diversos tipos de poemas visuais. Explicamos: todo poema concreto pode ser considerado visual, mas nem todo poema visual é concreto. Mesmo conhecendo a expressão verbivocovisual (verbal + voz + visual), empregada pelo *Noigrandes*, não é tarefa das mais fáceis entender essas mutações poéticas. Recorremos, então, a classificação proposta por Melo e Castro (1993)⁹:

1. **Poesia visual** – Caligramas de Apollinaire; experiências gráficas do futurismo; concretismo (brasileiro e internacional). Visopoemas (Lisboa).
2. **Poesia auditiva** – Experiências com a voz humana tratada ou não com o magnetofone; poesia rítmica ou poesia melódica com palavras, sílabas ou sons puros. Algumas experiências dadaístas e letristas. Composição direta na trilha sonora.
3. **Poesia tátil** – O poema é um objeto. Todas as formas de colaboração com artistas plásticos. Ready-mades. Objeto poema e poema objeto. Todos os processos de construção que dão ao poema um corpo material.
4. **Poesia respiratória** – Experiência de Pierre Garnier com o sopro humano.
5. **Poesia lingüística** – E.E. Cummings, James Joyce, Ezra Pound e muitos outros. Tentativas de criação de palavras e línguas novas. Poesia poliglota.
6. **Poesia conceitual e matemática** – Cibernética. Métodos permutacionais e combinatórios. Estrutura numérica da obra de arte. Experiência de Raymond Queneau.
7. **Poesia sinestésica** – desenvolvimento das sinestesias. Produtos híbridos dos tipos de poesia já referidos.
8. **Poesia espacial** – Mallarmé: Um coup de dés. De um modo geral, o sentimento espacial manifesta-se como denominador comum de todas as formas atuais do experimentalismo poético. (MELO E CASTRO, 1993: 35-36).

Em uma entrevista dada a João Felício dos Santos, acerca dos principais conceitos do poema-processo Wladimir Dias-Pino assim se expressou: “Os conceitos mais importantes de nosso movimento talvez sejam o de **processo**, da **versão** e do **contra-estilo**. Processo é a visualização do projeto; versão é a disciplina para a apropriação (o autoconsumo) e o contra-estilo é a unidade de estratégia de soluções” (grifos nossos) (1973, s/n). Enquanto isso, Melo e Castro¹⁰, após a entrevistadora dizer que ele era um poeta experimentador por excelência; sem ter abandonado totalmente a poesia escrita e que viajava também pelo vídeo e infopoema, pediu que dissesse como enfrentou o rito de passagem do verbal ao visual. Respondeu que trabalhar o verso, a prosa, o signo não verbal, quer com meios gráficos convencionais ou com meios tecnológicos avançados,

⁹ Melo e Castro, E.M. de. Nádia Battella Gotlib (org.). **O Fim Visual do Século XX. E outros textos críticos**. São Paulo, Edusp, 1993.

¹⁰ http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames_textos.htm Neste site, organizado pelo autor, encontram-se as produções brasileiras de infopoema produzidas entre 1996 e 1999. Ainda, a publicação na íntegra dessa entrevista e outras informações relevantes.

faz parte de um processo total que chama de poiésis, isto é, a produção do artefato, a produção do objeto, mas do objeto novo. E seria na transgressão que se encontrava o ponto crucial dessa produção. A sua atitude criativa seria exatamente a mesma. Completou dizendo que toda criatividade seria um rito de passagem, na medida em que é dinâmica, em que passa de um estado de impresciência (pré-poética) para um estado de materialização ou atualização de uma virtualidade, de uma potencialidade. E seria essa virtualidade que ficaria contida no objeto que se produz e que é chamado poema.

Em outra passagem discorre sobre a prática poética por novos caminhos digitais com seus suportes, ferramentas e outras mais. A longa resposta dada é um verdadeiro aprendizado acerca dessas novas técnicas apreendidas e estimuladas pelo poeta em cursos ministrados. Destacamos alguns trechos:

a passagem da poesia visual gráfica, jogada no papel para a poesia visual virtual que só existe nas telas das máquinas informáticas é uma passagem (...) drástica, porque se passa do peso do átomo do papel e do átomo da tinta e até do peso dos instrumentos escreventes (...) para a virtualidade dos bits e a virtualidade dos pixel (...). quais os elementos de diferenciação da infopoesia, da videopoesia ou da holopoesia (...) trabalhar com o movimento e a própria transformação das formas e, por isso dos significados, em dimensões que podem ser até mesmo fractais.

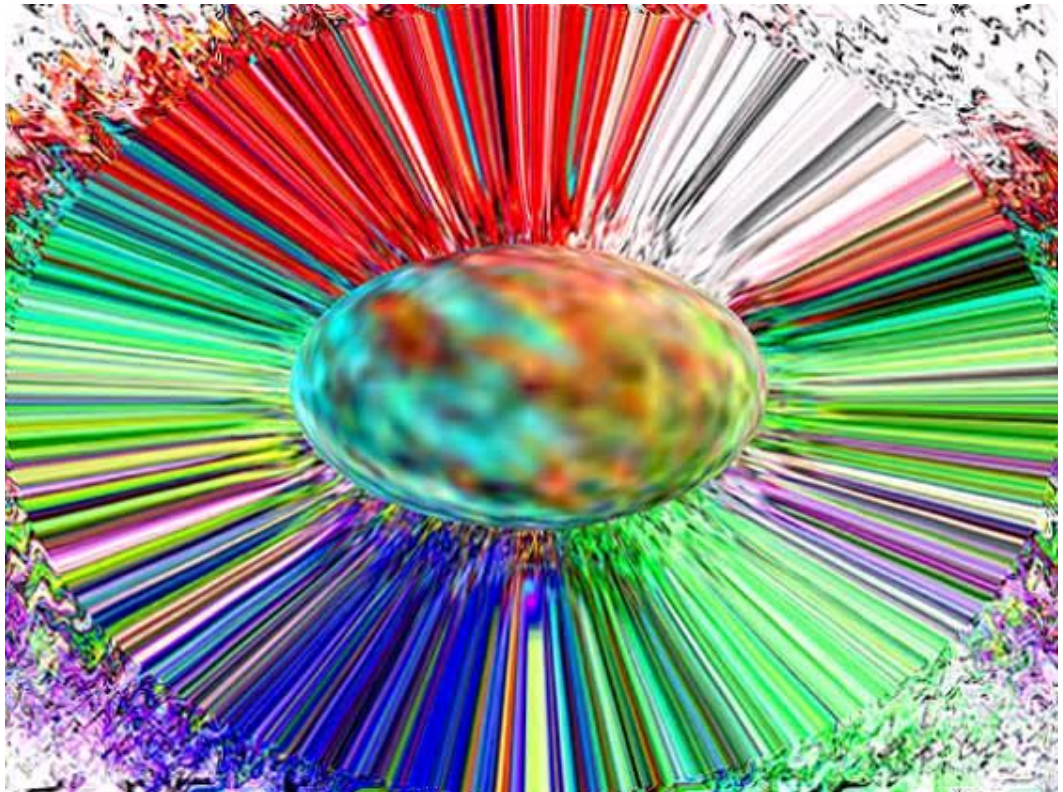
Chegamos ao momento de dizer que cada um dos poetas aqui estudados possui momentos de singularidade, de radicalidade, de inovação poética, seja ela no estágio escrito, verbal ou visual. No entanto, em comum, possuem uma prática constante de luta com a palavra (ou não palavra) ou em (des) fazer/fragmentar/codificar o objeto poético, através de um **processo** criativo em busca do inominável, do inatingível, do inopinado, do insofismável, do insolúvel instante poético.

Ambos partiram da palavra poética para chegar à visualidade. Foi um percurso consciente, experimentador e, sobretudo, revolucionário. Podemos constatar isso nos exemplos que se seguem. Conforme mencionamos, não se trata de uma visualidade gratuita ou ocasional. Trata-se de uma poética visual arrojada, que se pauta pela experimentação e que está em constante processo como toda vanguarda que se preza.

Wladimir Dias-Pino e E. M. de Melo e Castro poderiam ter cedido às cobranças da tradição poética, mesmo porque um já passou dos 80 e o outro está a caminho. Quem sabe muitos que os criticaram e ainda os criticam pudessem (re) ver seus apontamentos, suas considerações críticas a respeito de cada um deles. Todavia, nenhum dos dois parece preocupado com isso. Produziram grandes obras e esperam o momento oportuno do esperado reconhecimento. Se a arte não tem pressa para ser reconhecida, por que eles haveriam de ter? Às perguntas iniciais que fizemos, algumas delas foram respondidas e outras continuarão sem resposta. Não é preciso certezas. A arte se faz de **experimentação** e é **processo**. E assim cabe ao leitor, aos estudiosos, a tarefa de juntar a tradição com a inovação. Porque desde que os concretistas realizaram a tarefa de escrever, teorizar e analisar as obras de seu e outros tempos, a história da literatura já não é mais a mesma. É preciso ler, ouvir, escutar e discutir o que as vanguardas da segunda metade do século XX têm a nos dizer, mesmo que achemos que não têm muita coisa a ver conosco. O que não é possível mais conceber é a ignorância crítica para essa realidade literária. Ou se faz efetivamente alguma coisa na academia ou seremos reféns dos críticos literários da primeira metade do século XX e teremos que nos contentar

com o que aparece na grande rede, lugar em que, na maioria das vezes, não há critério estético de escolha.

Felizmente alguns programas de pós-graduação têm incentivado o surgimento de revistas acadêmicas eletrônicas¹¹, que tem servido, ao mesmo tempo, para atender a uma exigência da CAPES e garantir a coletivização dos trabalhos dos pós-graduandos. Então, a hora é de fazer a história. A arte e, em particular, a literatura agradecem.



¹¹ Programas de pós-graduação de universidades como USP, UFRJ, UNESP, UFJF e outras têm aderido a essa iniciativa.

